

Números e Fórmulas Para um Estilo Mais Legível

ALDO V. DE MAGALHÃES

Professor de Edição Jornalística do
Departamento de Comunicação
da UnB

As dificuldades para avaliação correta do índice de legibilidade de um texto se apresentam quando tentamos reduzir a números os valores de cada elemento da frase.

Embora tenhamos noção razoável do valor de uma boa apresentação gráfica, necessitaríamos de uma escala de referência quanto a tipos, estilos e medidas, para avaliação padrão de um texto ou de vários textos no material impresso de uma edição de jornal, por exemplo.

Convém salientar que este artigo, da mesma forma que outro divulgado na "Revista do Serviço Público", sob o título "Legibilidade: ponto de apoio para a comunicação escrita", teve origem no trabalho de equipe que analisou os elementos disponíveis para estudo de legibilidade em textos de jornal. Este fato não exclui, feitas as adaptações evidentemente necessárias, o aproveitamento de suas conclusões ou recomendações para qualquer texto: revista, suplementos especiais, textos de orientação profissional e outros.

Alguns pontos fundamentais podem ser alinhados, independentemente do conhecimento técnico dos tipos, escalas e medidas, e por eles podemos fazer incidir a avaliação nos setores onde o nosso conhecimento permita referências numéricas em padrões já estudados. Podem ser estudados, assim, os aspectos do "interêsse humano", da "facilidade de leitura" e do "índice de nebulosidade".

INTERÊSSE HUMANO

Aproveitando um trabalho realizado pelos tradutores de John Hohenberg em "Manual de Jornalismo", no título "Fórmulas", do capítulo sobre legibilidade, podemos examinar e tentar aplicar ao nosso caso a fórmula de Rudolph Flesch para encontrar a média de "Interêsse Humano".

Vai aqui apenas uma sugestão de estudo dêsse aspecto da legibilidade. Sua importância decorre do fato de aceitarmos a afirmativa de que um texto será tanto mais legível quanto mais diretamente puder falar a lingua-

gem e interpretar o sentimento daquele a quem se destina.

Em pesquisa preliminar sobre a matéria, Beluco Marra, do "Jornal do Brasil", chegou à conclusão de que as semelhanças são bastante grandes entre o texto inglês e o português, de molde a permitir usar tabelas e índices idênticos. A conclusão foi atingida após a comparação de textos de telegramas da UPI, do **New York Times**, do **Time Magazin** e de **L'Express** (para a língua francesa). Não tendo sido indicados os resultados da aplicação de índices do "Interêsse Humano", no entanto, propomos a experimentação dos índices de Flesch após elaborarmos a relação das "palavras pessoais" e das "frases pessoais".

Diz Flesch que "palavras pessoais" são os pronomes de primeira, segunda e terceira pessoas e aquelas que se referem antes a coisas do que a pessoas, tôdas as palavras com gênero masculino e feminino e um grupo de outras palavras tais como "gente", "povo", "parentes", etc. (Hohenberg). O próprio enunciado de Flesch nos alerta para as diferenças fundamentais na conceituação de "palavras pessoais" no inglês e no português. Mais adiante veremos como isto foi levado em conta. Mas, ainda através do trabalho de relação da obra de Flesch com textos em português, temos que "sentenças pessoais" são as "frases faladas", destacadas por aspas ou não, perguntas, ordens, interpelação e outras frases dirigidas diretamente ao leitor, exclamações e frases incompletas, cujo significado total deve ser inferido do contexto (Hohenberg).

Então, segundo Flesch, a contagem do "Interêsse Humano" deverá ser feita da seguinte maneira:

1. Num grupo de 100 palavras contamos quantas "palavras pessoais" ocorrem.
2. Num grupo de 100 frases contamos quantas "frases pessoais" ocorrem.
3. Multiplicamos o número de "palavras pessoais" por 3,635.
4. Multiplicamos o número de "frases pessoais" por 0,314.
5. Somam-se os resultados. Tere-mos a média do "Interêsse Humano".

Note-se aqui ser indispensável a elaboração prévia da relação das "palavras pessoais" e das "frases pessoais". Este estudo, evidentemente complexo, deverá ocupar em breve um grupo em organização para pesquisa e desenvolvimento do tema, tendo presente as particularidades do nosso idioma.

As percentagens obtidas em estudos de textos de referência para a língua portuguesa nos poderão dizer da aproximação do cálculo à nossa realidade.

Insistimos em que isto constitui apenas uma sugestão de pesquisa apresentada ao grupo que, no Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, desenvolveu estudos sobre legibilidade. Tais observações e experiências foram aplicadas, depois, em disciplinas de Técnica de Jornal e Periódico do mesmo Departamento de Comunicação e sob a responsabilidade do autor deste artigo. Orientação quanto aos cálculos realizados, encontramos em Flesch, "The Art of Readable Writing".

FACILIDADE DE LEITURA

Para encontrar o índice de "facilidade de leitura", Flesch tem também sua fórmula à base de multiplicadores decimais. Talvez obtenhamos melhores resultados, no entanto, com o uso da fórmula de Robert Gunning. Sobre ser aparentemente mais simples, serviu também de referência básica ao estudo de Beluco Marra no JB. Foram feitas adaptações sobre a fórmula original e com os índices resultantes já tivemos oportunidade de realizar alguns testes de legibilidade. Daí recomendamos não o índice de "facilidade de leitura" de Flesch, mas o "índice de nebulosidade" de Gunning.

ÍNDICE DE NEBULOSIDADE

Da mesma forma que Flesch e outros, Gunning se baseia no fato de que frases com um número de palavras entre 15 e 20 são adequadas à boa comunicabilidade do trabalho jornalístico. Também considera a baixa percentagem de palavras com mais de três sílabas como elemento importante na lucidez da linguagem escrita. A partir daí, Gunning recomenda:

"Anoto o número de palavras em frases sucessivas. Se o trecho for longo, talvez seja melhor dividi-lo em três, de 100 palavras cada, espaçadas equilibradamente. Neste caso, pare a contagem na frase que termine mais perto do total de 100 palavras. Divida o número total de palavras do trecho pelo número de frases. O resultado dá a extensão média das frases.

Conte o número de palavras de 3 sílabas ou mais, em cada 100 palavras. Não conte as palavras: 1) iniciadas com

maiúsculas; 2) que são combinações de palavras curtas simples; 3) ou que são formas verbais de três sílabas. Essa contagem dará uma medida das palavras difíceis.

Para obter o "índice de nebulosidade" some os dois fatores acabados de contar e multiplique por 0,4 (in Hohenberg. trad. de "The Technique of Clear Writing", de Robert Gunning).

Os resultados são examinados em uma tabela de referência que transcreveremos mais adiante.

A APLICAÇÃO DO ÍNDICE

Vejamos, agora, sem perder de vista o que ficou exposto até aqui, o resultado do trabalho de pesquisa do JB sobre os elementos da fórmula de Gunning e cuja aplicação recomendamos.

Foram resumidos os passos da seguinte forma:

1. Contamos as palavras do texto, dividindo-o em blocos de 100 palavras. Dividimos em seguida o total de palavras encontrado pelo número de frases. E conseguimos a porcentagem de palavras por frases.
2. Contamos as palavras com mais de três sílabas (polissílabos).
3. Somamos a porcentagem de palavras por frases com o número de polissílabos e multiplicamos por 0,4 (número de batidas). Encontramos o que Gunning chamou de "Índice de Nebulosidade".
4. Não somamos: as palavras começadas com maiúsculas; os nomes dos meses; os verbos com três sílabas; os números.

A tabela de Gunning, eliminada uma referência a textos de revistas, é a seguinte (conf. in Hohenberg):

Índice	Grau
17	Formandos em Universidades
16	Quartanista universitário
15	Terceiranista
14	Segundanista "linha perigosa"
13	Calouro universitário
12	Terceiranista clássico
11	Segundanista clássico
10	Terceiranista científico
9	Segundanista científico
8	Primeiranista científico "classe ou leitura fácil"
7	Quartanista ginasial
6	Terceiranista ginasial

O índice 9 corresponde à leitura do "Reader's Digest" e o índice 6 geralmente corresponde ao texto das histórias em quadrinhos.

Outros dados que ajudam a entender a tabela:

a. O índice 12 é produzido por frases com 20 palavras em média e 10% de palavras difíceis (de três sílabas ou mais).

b. O índice 6 é produzido por frases com 13 palavras em média e 3% de palavras difíceis.

OBSERVAÇÕES GERAIS

Cumprir notar que tanto em Hohenberg como no trabalho do Departamento de Pesquisa do JB, encontramos a tendência de identificar "índice de nebulosidade" com "índice de lei-

tura". Parece conveniente evitar a identidade de tais expressões. Elas representam quadros de índices opostos.

Em Flesch, temos a "facilidade de leitura" que aumenta à medida em que a leitura se torna mais fácil, portanto à medida em que melhora a legibilidade — e conseqüentemente seu índice. Já em Gunning o índice maior indica menor legibilidade. Daí o ter chamado de "índice de nebulosidade", expressão que preferimos manter e cujo uso recomendamos para evitar confusões em trabalhos de pesquisa com as características dêste que relatamos.

Finalmente, nunca será demais lembrar que os índices estudados refletem apenas **detalhes** de um conjunto que chamamos "estilo". Não podem ser considerados como absolutos. Apenas poderão nos indicar pistas cujas características seguiremos e cujos reflexos tentaremos interpretar.

Na linguagem escrita entram muitos outros elementos de peso decisivo num julgamento de legibilidade. Há sempre um "toque pessoal" naquilo que produzimos. A ponto de se poder chegar à afirmação (Jean Roche) de que Jorge Amado, tão aceito por interpretar "fielmente" a maneira de falar de seus personagens, não usa, efetivamente, a linguagem de seus personagens no diálogo. Usa uma forma ainda mais eficiente do que a transcrição para dizer o que "efetivamente" êles querem dizer. E isto é natural: se o povo de Jorge Amado interpretasse tão bem, no dizer de todo o dia, o que sente e vive, nada haveria de excepcional no texto do nosso escritor.